

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

RENAN DAMACENO DE ALMEIDA SILVA

**O CORPO E A PERCEPÇÃO ATRAVÉS DA AUSÊNCIA DE SENTIDO
UM ESTUDO SOBRE OS INDIVÍDUOS SURDOS**

São Paulo

2015

FACULDADE PAULUS DE TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

RENAN DAMACENO DE ALMEIDA SILVA

**O CORPO E A PERCEPÇÃO ATRAVÉS DA AUSÊNCIA DE SENTIDO
UM ESTUDO SOBRE OS INDIVÍDUOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob orientação da Prof. Me. Nádya Lebedev.

São Paulo

2015

Silva, Renan Damaceno de Almeida.

O corpo e a percepção através da ausência de sentido: um estudo sobre os indivíduos surdos. / Renan Damaceno de Almeida Silva. – 2015.

58 f.: il.; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, São Paulo, 2015.

“Orientação: Prof. Me. Nádia Maria Lebedev.”.

1. Fenomenologia 2. Percepção 3. Indivíduo Surdos I. Silva, Renan Damaceno de Almeida II. Título

RENAN DAMACENO DE ALMEIDA SILVA

**O CORPO E A PERCEPÇÃO ATRAVÉS DA AUSÊNCIA DE SENTIDO
UM ESTUDO SOBRE OS INDIVÍDUOS SURDOS**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à Banca Avaliadora da FAPCOM – Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, como exigência parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia, sob orientação da Prof. Me. Nádía Lebedev.

São Paulo, ____ de dezembro de 2015.

Prof. Me. Nádía Maria Lebedev

São Paulo

2015

A Nicolas José, Kelly Andrade e a Nathalia Machado por serem a ponte que me conduzia pela cultura surda. A todos amigos surdos e estudiosos da Libras, que lutam por essa cultura maravilhosa, de modo especial a Professora Karina Eustáquio Paz, e a Sueli Ramalho Segala por serem inspiração para a realização dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

A Pia Sociedade de São Paulo, pela oportunidade de ter vivido o carisma da comunicação e fornecido esse horizonte na minha vida, aos excelentes profissionais do corpo docente, direção e administração da FAPCOM.

A minha orientadora Prof. Me. Nádia Lebedev, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos e pela amizade de me motivar ir além.

Aos meus pais, André Luiz da Silva e Édina Damaceno de Almeida Silva, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Aos meus demais familiares que torcem por meu êxito.

Aos meus amigos, que mesmos na distância torciam por mim.

Por todos aqueles que contribuíram na revisão, leitura, sugestão ou de qualquer outra forma, destaco aqui alguns deles: JP, Dalai, Ed, Liz, Hugo, Urânia, Carol, Camila, Leandro. Obrigado de coração!!!

A querida e adorável bibliotecária Nivea que com seu lindo sorriso e saudáveis conversas me encorajava a seguir em frente que tudo daria certo.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

A palavra não é o “signo” do pensamento, se compreendermos como tal um fenômeno que anuncia outro, como o fumo anuncia o fogo. A palavra e o pensamento só admitiriam essa relação exterior se uma e outro fossem dados tematicamente; na realidade estão envolvidos um no outro, o sentido está preso na palavra, e a palavra é a existência exterior do sentido.

(Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*)

Sem linguagem não somos seres humanos completos e, por isso, é preciso aceitar a natureza e não ir contra ela. Obrigados a falar, algo que não lhes é natural, os surdos não são expostos suficientemente à linguagem e estão condenados ao isolamento e à incapacidade de formar sua identidade cultural.

(Oliver Sacks em *Vendo Vozes: Uma Viagem pelo Mundo dos Surdos*)

RESUMO

SILVA, Renan Damaceno de Almeida. O corpo e a percepção através da ausência dos sentidos: um estudo sobre os indivíduos surdos. São Paulo, 2015. 58 f. (Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação, para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia)

Este trabalho tem como objetivo desenvolver uma reflexão sobre a percepção de um corpo com a ausência de um dos sentidos, no caso será feita uma investigação a partir do indivíduo surdo. Através da *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty, vamos discutir os conceitos de sentido, percepção e corpo. Discorrendo brevemente sobre o corpo ao longo da história, apresentando sua concepção desde o passado até o presente, e a relação do corpo com a percepção. Em seguida veremos abordaremos o corpo ausente de sentido, evocando a história dos indivíduos surdos e observando a pessoa em gesto. Faremos um paralelo entre o corpo e a percepção da surda Sueli Ramalho Segala, apresentando elementos de sua vida e buscando caminhar sobre a percepção de sua deficiência.

Palavras-chave: Corpo; Percepção; Fenomenologia; Indivíduos Surdo.

ABSTRACT

SILVA, Renan Damaceno de Almeida. Body and perception through the lack of sense: a study of the deaf individuals. São Paulo, 2015. 58 f. (Course completion assignment presented for University of technology and communication to acquire a bachelor degree in philosophy)

This research aims to develop a reflection on the perception of a body with the absence of one of its senses, resulting in an investigation of the deaf individual. Through *Phenomenology of Perception* by Merleau-Ponty, we will discuss the concepts of sense, perception and body. Discussing briefly on the body throughout history, presenting its conception from the past to the present, and the body's relationship with perception. Then we shall discuss the body with the absence of hearing, evoking the history of deaf individuals and observing the person in gesture. We will make a parallel between the body and the perception of the deaf Sueli Ramalho Segala, with elements of her life and seeking to walk on the perception of her disability.

Keywords: Body; Perception; Phenomenology; Deaf individuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I.....	13
1. O CORPO HUMANO	13
1.1 O corpo na filosofia	15
1.2 Percebendo o mundo: o olhar fenomenológico	19
1.3 O fenômeno, a percepção e a consciência em Merleau-Ponty.....	20
CAPÍTULO II.....	26
1. O CORPO DESPROVIDO DE SENTIDOS.....	26
1.1 O corpo desprovido da audição: o Surdo	27
2.2 O corpo como expressão e linguagem	32
CAPÍTULO III.....	35
3. A LÍNGUA DE SINAIS.....	35
3.1 A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)	36
3.2 A pessoa em gesto	42
3.3 A percepção de Sueli Ramalho	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
ANEXO A.....	55
ANEXO B.....	57

INTRODUÇÃO

Apresentando uma abordagem contemporânea a cerca do corpo na fenomenologia, buscamos neste trabalho, além de dissertar sobre percepção na ausência de um dos sentidos, no caso o sentido auditivo, com esse estudo, buscamos somar às demais literaturas e reflexões existentes na área da surdez. Juntamente com a filosofia, vamos repensar existencialmente os indivíduos surdos e refletir sobre essa existência a partir de sua percepção. Assim, surge o título de nossa pesquisa: “O corpo e a percepção através da ausência de sentido”, fazendo um estudo sobre os indivíduos surdos pela via de sua percepção, pautando-nos na obra *Fenomenologia da Percepção* de Merleau-Ponty. Com ele trazemos a literatura surda e outros autores para compor a dissertação sobre o corpo e sobre os indivíduos surdos.

O principal objetivo desta pesquisa é investigar o corpo sob o olhar da fenomenologia, rompendo os parâmetros e conceitos racionalistas, nos quais se assume dicotomias e conceitos para explicar o mundo. A fenomenologia mostra o mundo ao sujeito tal como ele é, não exige que o indivíduo racionalize sua existência a partir do *cogito* e dos fenômenos a sua volta, mas sim, a partir de sua vivência e existência, à medida que percebe e vive os fenômenos a sua volta e toma consciência deles. Para isso buscaremos analisar o corpo na sua perspectiva filosófica, olhá-lo na sua realidade histórica, no seu contexto ao longo da história; também percorreremos o sentido auditivo e sua participação no processo comunicacional e da fala, focando na percepção da pessoa que possui ausência do sentido auditivo e uma pequena abordagem sobre a língua de sinais. Para melhor analisarmos isso, traremos a este trabalho a surda de nascença Sueli Ramalho Segala, na qual faremos uma breve análise fenomenológica de sua percepção.

O trabalho é composto por três capítulos, os quais perpassam particularmente sobre cada ponto apresentado, porém ao mesmo tempo se mesclam e compõe essa nossa reflexão sobre a percepção e surdez. No primeiro capítulo, intitulado de “O Corpo Humano” abordamos a perspectiva do corpo na história, desde a visão antiga sobre corpo, com os gregos – começando por Homero, até a contemporaneidade –,

além da percepção do corpo e a compreensão dos conceitos fenômeno, percepção e consciência.

No segundo capítulo, intitulado de “O Corpo desprovido de sentidos” abordaremos o indivíduo surdo, mostrando relatos de sua história, entendendo, assim, sua existência e seu corpo desprovido de sentido, além de focar no corpo como expressão e linguagem. No terceiro e último capítulo, intitulado de “A Língua de Sinais”, abordaremos um pouco da estrutura da língua brasileira de sinais (Libras) e a pessoa em gesto, fazendo assim um paralelo das abordagens anteriores, sobre o corpo e percepção, na vida da Sueli Ramalho, relatando como ela percebe o mundo, e, a partir da visão dela, concluiremos com uma reflexão a cerca da deficiência.

CAPÍTULO I

1. O CORPO HUMANO

O corpo, desde a sua geração no ventre materno, vai formando seus órgãos e membros, recebendo nutrientes e as sensações do mundo externo por meio do corpo da mãe, que é nada mais nada menos do que a *umwelt*¹, isto é, o ambiente que o cerca. Passando-se os meses do período de gestação, o bebê sai do aconchego do ventre materno e passa a experimentar o mundo externo, tendo contato com outros corpos. Entretanto, como é muito frágil e desprovido de algumas capacidades, ainda não se vê como um corpo no mundo, já que o corpo da mãe e o dele ainda são um, sendo o corpo materno a fonte de alimento e de conforto; aquilo que o liga com o mundo externo. “O corpo é veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles (MERLEAU-PONTY, p. 122).

À medida que esse pequeno corpo vai se desenvolvendo e crescendo, suas percepções vão se tornando mais aguçadas, os órgãos dos sentidos vão se aprimorando. A visão, a audição, o tato, o paladar e o olfato fornecem ao corpo a percepção do mundo a sua volta, trazendo-lhe o entendimento de que o seu pequeno corpo e o de sua mãe não são um. E a partir disto, vêm as experiências, isto é, ao observar um bebê é possível notar que uma das partes mais sensíveis dele é a boca, na qual ele recebe o peito que lhe oferece alimento juntamente com o regaço acolhedor de sua mãe.

Na fase de curiosidade, o bebê ao começar a se perceber e colocar partes de seu corpo em sua boca, como mãos e pés, iniciando a tomada de conhecimento de

¹ *Umwelt* é um termo organizado por Jakob Von Uexküll, biólogo e filósofo estoniano de origem alemã. Na revista eletrônica da PUC-SP Galáxia n. 7, Thure Von Uexküll escreve sobre o conceito deixado pelo pai, no qual tem por relação de organismos vivos e o ambiente em que vivem, que de certa forma, os condicionará a serem ou a perceberem o mundo de uma determinada forma. Ele relaciona essa teoria do pai com a biosemiótica. Com suas palavras *Umwelt* significa: “‘*Umwelt* específica da espécie’ — o segmento ambiental de um organismo, que é definido por suas capacidades específicas da espécie tanto receptoras quanto efectoras (definidas por Uexküll como ‘percepção’ e ‘operação’)” (p.22).

si mesmo e, agindo da mesma forma com as coisas ao seu redor, passa a colocar em sua boca os objetos que estão a sua volta. Na medida em que vai ficando mais velho, deixa de apreender o mundo com o paladar e começa a utilizar o tato para agarrar os objetos e obter uma aproximação maior da visão, indo, então, ao encontro com os demais corpos que o cercam, sejam estas pessoas ou coisas.

Apreendo meu corpo como um sujeito-objeto, como capaz de “ver” e de “sofrer”, mas essas representações confusas faziam parte das curiosidades psicológicas, eram amostras de um pensamento mágico do qual a psicologia e a sociologia estudam as leis e que elas fazem regressar, a título de objeto de ciência, ao sistema do mundo verdadeiro. (MERLEAU-PONTY, p. 139-140)

Tendo o conhecimento de si, ao colocar a mão na boca ou ao olhar para ela em frente ao seu rosto, a criança, reconhece a si mesma como um corpo em meio à diversidade de corpos, utilizando também a comunicação como forma de auto reconhecimento. A comunicação está empregada no próprio corpo. Historicamente, os homens das cavernas se comunicavam por meio de sinais, pinturas, que partiam dos movimentos do corpo, que eram uma representação do mesmo. Nossa comunicação atual não é diferente, pois a linguagem corporal está intrínseca no cotidiano e, antes mesmo de adquirir a linguagem falada, é usado o corpo para se comunicar, porque é por sinais corporais que inicialmente a criança vai aprendendo a se expressar. O choro também é um indício de comunicação, pois pode representar alguma sensação da criança, assim como a fome ou alguma outra necessidade. O sorriso, por sua vez, é um sinal mais positivo, que pode ser uma resposta de aceitação, alegria, conforto. Quando a criança está um pouco maior e aprendendo a falar, começa a apontar para os objetos sinalizando que os quer ou até mesmo balança a cabeça comunicando o “sim” ou o “não” para as coisas mostradas ou perguntadas a ela.

De toda forma, para que haja o conhecimento do mundo é necessário que o corpo vá ao encontro de outros, provando-os, pois “só posso compreender a função do meu corpo vivo realizando-a eu mesmo e a medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 114), somente assim pode-se entender o corpo, se colocando-se diante do outro, seja ele igual, anatomicamente, ou diferente:

Em outros termos, observo os objetos exteriores com meu corpo, eu os manejo, os inspeciono, doo a volta em torno deles, mas, quanto ao meu corpo, não o observo ele mesmo: para fazê-lo, seria preciso dispor de um segundo corpo que não seria ele mesmo observável. Quando digo que meu corpo é sempre percebido por mim, essas palavras não devem então ser entendidas em um sentido simplesmente estatístico e deve haver na apresentação do corpo próprio algo que torne impensável sua ausência ou mesmo sua variação. (MERLEAU-PONTY, p. 135)

Desse modo, para chegarmos a um simples corpo, em Merleau-Ponty, e introduzir um pouco de sua teoria da percepção, utilizamos esse exemplo da criança, pois são os pequeninos que estão se aventurando nessa busca de se perceber como um corpo no mundo, com a ajuda de suas próprias percepções de tudo aquilo que os cercam e dos adultos, que são os corpos que vão de encontro a eles e os ajudam a se entender como outro corpo, pois não podemos nos perceber como corpos se não houver outrem que venha de encontro ao meu corpo. Dessa maneira, Merleau-Ponty dirá das relações entre sujeito e objeto, porém não podemos nos colocar totalmente como objetos, pois “a presença e a ausência dos objetos exteriores são apenas variações no interior de um campo de presença primordial, de um domínio perceptivo sobre os quais meu corpo tem potência”. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 136)

1.1 O corpo na filosofia

Antes de chegarmos ao conceito atual de corpo e apresentá-lo como fenômeno que se lança diante de outrem e do mundo, faremos um breve percurso de sua história, iniciando com os gregos.

O termo correspondente a “corpo” em grego é $\sigma\acute{\omega}\mu\alpha$ (*soma*)², atualmente usamos este termo para denominar algum problema relacionado ao corpo e suas funções, por exemplo: “somático”, “somatização”, “somatologia”, entre outras palavras. Já para Homero, *soma* não está ligado a um organismo vivo, mas sim a um organismo privado de vida, isto é um “cadáver”. O contrário disso denomina-se o

² $\Sigma\acute{\omega}\mu\alpha$, $\sigma\tau\omicron\varsigma$: substantivo neutro I || corpo || cadáver || ser vivente || homem || animal || matéria || coisa tocável || parte do corpo || órgãos. II figurado || vida || liberdade || ponto capital || totalidade || complexo || corporação || casta || obras completas (de escritos).

homem vivo, a multiplicidade do corpo, no qual cada órgão possui sua atividade que são variadas em suas diferentes funções vitais.

(...) no corpo morto, no “cadáver”, desaparecem as múltiplas funções diferenciadas dos vários órgãos e, portanto, ele se identificam, por assim dizer, no não ser mais o que eram, enrijecendo-se e confundindo-se na imobilidade da morte: as pernas e os braços não se agitam mais, os pulmões não respiram mais, o coração não bate mais, os olhos não veem mais, os ouvidos não ouvem mais. Portanto, todos os membros, todos os órgãos e todas as funções físicas do homem tornam-se iguais no seu não ser mais o que antes eram, e portanto ser representado unitariamente com o termo soma, corpo exânime, defunto. (REALE, p.21)

Em suas obras, Homero destaca partes próprias do corpo através das personagens, essa linguagem referente à parte específica do corpo remete a todo o organismo físico e até mesmo de todo o homem, seja sentido físico, seja em sentido espiritual. O homem homérico não se vê como uma dualidade de corpo e alma, como ensina Platão, mas sim como uma unidade, ou seja, os órgãos não podem ser parte do corpo para Homero, pois eles fazem parte do homem em geral. Para o poeta grego não havia divisões dos membros, mas sim uma unidade e esse corpo não se desmembrava, assim como a funcionalidade dos órgãos, mas tinha um sentido holístico. São esses órgãos individuais que exprimem toda a pessoa, “o homem homérico sente a si mesmo dessa maneira: ‘eu sou esta minha mão’, ‘eu sou estas minhas pernas’, ‘eu sou estes meus joelhos’, ‘eu sou estes meus pés’, e assim por diante.” (REALE, 2002, p.37)

Sócrates, diferentemente de Homero, “possui a visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo do homem com o mundo” (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p.65), é a “alma”³ - *psyché* (Ψυχή) que será a personalidade intelectual e moral do homem, pois sem ela o corpo não passa de uma mera representação sem vida. “Sócrates, portanto, se não me engano, dizia que a alma não é uma espécie de misterioso segundo eu, mas a realidade que se identifica com a nossa consciência normal.” (REALE, 2002, p.139)

Diferentemente de Sócrates, Platão, seu discípulo, defende uma ideia mais dicotômica, na qual o corpo serve a alma, assim: “O homem, para Platão é, portanto, em duas dimensões, ou seja, é constituído por dois componentes, sob certo

³ Pode ser traduzida pro latim *Anima*, que quer dizer espírito, força, vida.

aspecto, em nítida antítese entre si” (REALE, 2002, p. 174). É essencial o cuidado com o corpo, pois ele é uma espécie de recipiente que guarda a alma, e esse pensamento platônico no qual a alma está aprisionada ao corpo, isto deu inspiração à teoria do orfismo, que transmitia a ideia de que é preciso obter um processo de libertação da alma, mediada sinteticamente com as próprias categorias ontológicas. “De acordo com concepção aristotélica, o corpo só alcança seu sentido se for considerado em comunhão com a alma que o anima. Assim, um precisa do outro para interagir com o mundo” (CASSIMIRO; GALDINO, 2012, p. 71).

Na Grécia Antiga, o corpo era bastante discutido, apesar de assuntos como a Política e a Ética serem considerados mais relevantes pelos pensadores da época. Alguns filósofos como Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C.), que viveram na sociedade grega antiga, também discutiam sobre esse assunto. Sócrates possuía uma visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo de interação do homem com o mundo, diferente de Platão, que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. As ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que, as ações humanas eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização. (CASSIANO, Érica Silva, GALDINO, Francisco Flávio, p. 65)

Tendo passado pela antiguidade e obtendo resumidamente uma visão do que é o corpo para os antigos, passaremos para a modernidade. O corpo moderno é aquele que resulta do recuo das tradições populares e do advento do individualismo (LE BRETON, 2012, p. 33). A dicotomia corpo e alma deixa de ser considerada neste período, e a alma deixa de fazer parte dessa divisão, dando seu espaço para a mente, que é objeto da subjetividade, no qual a modernidade caminha. Além do mais, a pessoa não possui um olhar coletivo do corpo, passando a ter o pensamento individual. Diferentemente dos antigos que tem a alma como fonte da vida do corpo, e que o considerava como mero recipiente, A modernidade passará a atribuir a existência do corpo ao próprio pensamento, o *cogito* cartesiano: “Eu penso, logo existo”, para esta corrente, a razão é o que dá vida ao corpo.

A noção moderna de corpo é um efeito da estrutura individualista do campo social, uma consequência da ruptura da solidariedade que mescla a pessoa a um coletivo e ao cosmo por meio do tecido correspondências no qual tudo se entrelaça. (LE BRETON, p.21)

Le Breton, ao longo de sua obra *Antropologia do corpo e modernidade* traz uma análise do corpo desde o início da modernidade, a partir do *cogito* cartesiano até a medicina atual, que possui uma visão do corpo mecanicista. Além de uma concepção paradoxal acerca do corpo, onde de um lado, ele é visto como o delimitador das fronteiras entre o indivíduo e o mundo; e do outro, é concebido como separado do homem, numa visão do corpo mais como ter do que ser, em que o homem não só se distancia do corpo, mas também o desvaloriza, ou a visão que faz do corpo a identidade do homem, produzindo no indivíduo um sentimento de ser ele mesmo, antes de ser uma comunidade.

O corpo como elemento isolável do homem, ao qual empresta seu rosto, não é pensável senão nas estruturas sociais de tipo individualista, nas quais os homens estão separados uns dos outros, relativamente autônomos em suas iniciativas, em seus valores. O corpo funciona à maneira de um marco de fronteira para delimitar perante os outros a presença do sujeito. Ele é fator de individuação. (LE BRETON, p. 32)

Com isso, a modernidade traz consigo também, questões sobre a anatomia do corpo, na qual “(...) o saber anatômico torna o corpo superficial, e o toma segundo a letra das matérias que ele atualiza sob o escapelo (...)” (LE BRETON, 2012, p. 95), e isso é o que acaba rompendo essa ligação entre o homem e o próprio corpo, e por isso o filósofo do *cogito* tem seu fascínio pela anatomia. O cartesianismo ao mesmo tempo em que eleva o pensamento denigre o corpo, colocando-o como inferior ao *cogito*.

Essas diversas concepções sobre o corpo resultam em três esferas sociais e culturais, que se destacam ao longo da modernidade: o individualismo, que desemboca em um relacionamento relaxado e na oposição entre a vida privada e a vida pública que é valorizada; a emergência do saber racional positivo e laico sobre a natureza, resultando no estudo do corpo como realidade em si mesmo, dissociada do homem; e o seu recuo a tradições populares e locais, dando, aos poucos, lugar à medicina, instituída como saber oficial sobre o corpo a partir da anatomia, aqui se destacam Leonardo da Vinci e Vesalius.

1.2 Percebendo o mundo: o olhar fenomenológico

Depois de termos percorrido o corpo brevemente na história da filosofia, falaremos agora dele a partir de seus estudos em fenomenologia. Essa perspectiva fenomenológica é diferente desta visão dicotômica, inaugurada no novo modo de perceber o mundo. O corpo antes de ser objeto é nosso próprio modo de ser-no-mundo, pois é nosso corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocando em situação: “O corpo é nosso meio geral de ter um mundo” (MERLEAU-PONTY, p.203). Na concepção fenomenológica da percepção, a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

O mundo nos é dado a partir do nascimento, porém só é possível percebê-lo, como dito anteriormente, através das relações tidas com os objetos ao meu redor. Somente terei consciência deste mundo experimentando essas coisas que são dadas ao corpo como partes do mundo.

Só é possível perceber o mundo a partir do corpo, pois é ele que nos lançará diante dos fenômenos e objetos existentes, fazendo assim com que os experimente e adquira consciência dessas coisas que nos cercam. Obviamente que não é possível ter contato com o mundo todo, mas a partir de experiências particulares podemos chegar a uma simples compreensão do todo, não de forma absoluta, pois, assim como as águas de um rio fluem e sempre se movem, nós jamais poderemos nos banhar novamente nas mesmas águas, como diz a teoria de Heráclito, da mesma forma é a percepção do mundo. Mesmo que já se tenha percebido determinado objeto ou fenômeno, ao entrar novamente em contato com ele não o perceberemos da mesma forma.

Portanto, a experiência do movimento próprio seria apenas uma circunstância psicológica da percepção e não contribuiria para determinar o sentido do objeto. O objeto e meu corpo formariam um sistema, mas tratar-se-ia de um feixe de correlações objetivas e não, como dizíamos há pouco, de um conjunto de correspondências vivas. A unidade do objeto seria pensada, e não experimentada como correlativo da unidade de nosso corpo. (MERLEAU-PONTY, p.274)

A sensação é uma atitude corpórea, a qual os estudos da percepção têm contribuído para ampliar a compreensão de cognição, no sentido de tornar mais claro como se realiza o fenômeno do conhecimento. Para esclarecer, podemos nos valer de um caso de uma pessoa doente:

É em seu próprio corpo que o doente sente a aproximação deste Outro que ele nunca viu com seus próprios olhos, assim como o normal reconhece por uma certa queimação em sua nuca que alguém atrás dele o olha. Reciprocamente, uma certa forma de experiência externa implica e acarreta uma certa consciência do corpo próprio. (MERLEAU-PONTY, p. 277)

Não é possível o conhecimento de todo o corpo, pois, embora possa enxergar minha mão e algumas outras partes do meu corpo, não os percebo em sua totalidade, pois o todo é mutável, um dia nunca será como o outro, assim como um corpo que vai de encontro com outrem: “Toda percepção exterior é imediatamente sinônima de uma certa percepção de meu corpo, assim como toda experiência do meu corpo se explica na linguagem da percepção de meu corpo, assim como toda percepção do meu corpo se explica na linguagem da percepção interior” (MERLEAU-PONTY, p.277).

Portanto, Merleau-Ponty se foca na percepção do corpo, porque a forma mais eficaz de conhecer determinados fenômenos e compreendê-los é vivendo-os como experiências. O corpo sempre será o objeto de transmissão, quando vou de encontro a um objeto e me relaciono, quando esse objeto vem de encontro a mim e sempre, ao encontrá-lo, possa ter novos juízos sobre ele.

1.3 O fenômeno, a percepção e a consciência em Merleau-Ponty

Para entendermos melhor como se dá o processo fenomenológico e a tomada de consciência obtida através da percepção, faz-se necessário a apresentação do filósofo fundador dessa corrente filosófica considerada uma das mais importantes do século XX. Martha D'Angelo, em seu livro *Saber fazer filosofia*, fornece-nos uma breve biografia sobre o filósofo e sua preocupação. Edmund Husserl (1859 – 1938)

nasceu na Morávia, região que hoje faz parte da República Checa, foi um estudioso de astronomia e matemática que começou a se interessar pela filosofia após ter frequentado os cursos de Franz Brentano na universidade de Viena. Sua preocupação inicial como filósofo foi pensar um método capaz de permitir a revelação dos aspectos que caracterizam a experiência humana na apreensão do real e também a revelação dos processos da consciência próprios a essa experiência. Tratava-se, naquele momento, de conhecer os elementos básicos da experiência.

Husserl não era muito de acordo com o pensamento empirista e racionalista, pois ele os considerava insuficientes para descrever os fenômenos e a relação sujeito-objeto. Ao longo de sua filosofia, tentou superar algumas teses de Kant e Hegel sobre esses conceitos, tendo uma aproximação com o pensamento de Kant devido essa junção do racionalismo e do empirismo em relação ao conhecimento. “O objeto do conhecimento é aquilo que aparece a consciência. O lema da fenomenologia – de volta às coisas mesmas – destaca a importância dos fenômenos em seu modo de aparecer para nós” (D’ANGELO, 2011, p. 42).

Em sua tentativa de definição de uma nova base para o conhecimento, a fenomenologia de Husserl não aceita submeter as leis da lógica à análise da psicologia, pois esta subordinação resultaria num relativismo e, como consequência na negação da possibilidade de uma ciência rigorosa. Nos termos husserlianos, as ideias ou essências se manifestam por meio da unidade do sujeito pensante e do objeto pensado. Para se chegar a um conhecimento seguro, ou às essências, é preciso romper com a atitude natural pela suspensão – *epoché* – das crenças que sustentam nossa compreensão do mundo. Em seguida, submeter a própria consciência subjetiva a uma análise para que dela possa emergir um novo eu, um eu não empírico, que constitui a base de toda experiência cognoscente. (D’ANGELO, 2011, p. 42-42).

A existência da coisa será obtida a partir da tomada de consciência dela, e esta ação se realiza a partir do contato com os órgãos do sentido, que fazem com que percebamos a coisa de diferentes maneiras. Percepção na abordagem de Husserl passará por isso, pois é através dela que se podem obter determinados juízos sobre os fenômenos, mesmo que esta explicação seja ingênua, *a priori*.

Detém-se enfocando a percepção como um fenômeno complexo. Não a trata de modo abstrato, mas descreve a experiência de percepção uma coisa, e para perceber essa coisa é preciso senti-la de diferentes maneiras, isto é, perceber uma coisa é vê-la, tocá-la, cheirá-la, ouvi-la, senti-la de diferentes maneiras e de acordo com as possibilidades dos sentidos. Em cada percepção, mostra-se aspectos diferentes do percebido. Assim percebido no ato de ver é diferente do percebido no ato de ouvir ou no ato de tocar, e assim por diante. Mesmo q se permaneça apenas no campo de um sentido, dão-se mudanças que surgem em múltiplas formas no fluxo contínuo da percepção. (BICUCO, Maria Aparecida Viggiani p.82)

Tais experiências do mundo são subjetivas, as representações que possuo sobre os fenômenos têm como base aquilo que já vivi. Compreender essa coisa que foi percebida exige uma multiplicidade de maneiras de constatar como que a coisa se dá; formada por uma síntese de identificação ou uma síntese de transição do percebido no seu horizonte e no seu mundo-horizonte. É característica da percepção esse jogo entre multiplicidades, que é por perfis, e identidade do objeto intencional, determina a transcendência do objeto com a relação aos aspectos psicológicos da consciência. Dessa forma, o objeto intencional é o polo de identidade imanente às experiências vividas; entretanto, é, também, transcendente a essas vivências por ser percebido como idêntico no fluxo temporal das existências vividas (BICUCO, 1997, p.83).

Atendo à realidade histórica e às questões da existência. O pensamento de Merleau-Ponty se desenvolveu sob o impacto das obras de Hegel, Husserl e Heidegger, conhecido como os “três H” (D’ANGELO, 2011, p.48). Pautando-se nesses pensadores, Ponty anseia estabelecer uma nova identidade entre o eu e o mundo, sendo assim, na obra *Fenomenologia da percepção*, toma como referência a ação viva para descrever a percepção e o seu contato com o mundo, tendo assim um aspecto mais carnal e menos intelectual em sua filosofia.

Vemos as coisas mesmas, o mundo é aquilo que vemos – fórmulas desse gênero exprimem uma fé comum ao homem natural e ao filósofo desde que abre os olhos, remetem para uma camada profunda de ‘opiniões’ mudas, implícitas em nossa vida. Mas essa fé tem isso de estranho: se preocuparmos articulá-la numa tese ou num enunciado, se perguntarmos o que é este nós, no que é este ver e o que é esta coisa ou este mundo, penetramos num labirinto de dificuldades e contradições. (D’ANGELO, Martha, 2011, p.50 apud Ponty, 1992, p.15)

Sendo assim, a fenomenologia trata de descrever o mundo e não de explicá-lo e nem analisá-lo, assim como o cientificismo acaba por fazer. Husserl não apoia muito esse pensamento empírico da ciência para explicar e dizer o mundo, pois não posso chegar às coisas mesmas me pensando apenas como sendo um simples ponto da biologia, psicologia ou qualquer outra área da ciência.

O real deve ser descrito, não constituído ou constituído. Isso quer dizer que não posso assimilar a percepção às sínteses que são da ordem do juízo, dos atos ou da predicação. A cada momento, meu campo perceptivo é preenchido por reflexos, de estalidos, de impressões táteis fugazes que não posso ligar de maneira precisa ao contexto percebido que, todavia, eu situo imediatamente no mundo, sem confundi-los nunca com minhas divagações. (MERLEAU-PONTY, 2006 , p.5-6)

Merleau-Ponty caminha com a fenomenologia a partir da percepção, que é corpórea, e a partir dessa corporeidade é estabelecida aqui a relação entre corpo e fenômeno, sendo o “propósito do corpo próprio, aquilo que é verdadeiro de todas as coisas percebidas: que a percepção do espaço e a percepção da coisa, a espacialidade da coisa e seu ser de coisa não constituem dois problemas distintos” (MERLEAU-PONTY, 2006, p.205). É por meio dessa relação o fenômeno pode ser conhecido, pois é mediante do corpo que percebemos e nos relacionamos com o mundo. Diante do fenômeno e da consciência está o corpo, elemento principal que se lança em contato com o mundo, experimentando-o através dos sentidos e tomando conhecimento dos fenômenos a sua volta.

Esse mundo percebido possui essa relação de corpo e mundo, onde o corpo será o coração desse relacionamento, pois é mediante a ele que percebo o mundo das mais diferentes formas possíveis que ele vai se desvelando a meu corpo, e eu sou este corpo que caminha e descobre este mundo e os fenômenos que ele possui. Para exemplificar essa percepção que o corpo possui e a como a partir dele há a tomada de consciência, Merleau-Ponty (2006, p.273) usa uma pequena anedota na qual ele caminha sobre o apartamento, esta ação só pode ser feita à medida que o apartamento se apresenta a mim, o contato feito a partir do deslocamento e da experiência do contato, e as diferentes visões angulares desse apartamento só é possível quando se é tomada a “consciência de meu próprio movimento e de meu

corpo como idêntico através das fases desse movimento que ele conhece o espaço percorrido”.

Desse modo, a partir desse movimento perceptível e do contato com todo apartamento de forma corpórea “eu não poderia apreender a unidade do objeto se, a mediação da experiência corporal, pois aquilo que chamo de uma planta é apenas uma perspectiva mais ampla [...] saber que um mesmo sujeito encarnado pode ver alternadamente de diferente posição.” (MERLEAU-PONTY, p. 273).

Portanto, a experiência do movimento próprio seria apenas uma circunstância psicológica da percepção e não contribuiria para determinar o sentido do objeto. O objeto e meu corpo formariam um sistema, mas tratar-se-ia de um feixe de correlações objetivas e não, como dizíamos a pouco, de um conjunto de correspondências vividas. A unidade do objeto seria pensada, e não experimentada como o correlativo da unidade de nosso corpo. Mas o objeto poderia ser separado assim da unidade de nosso corpo. (MERLEAU-PONTY, p. 274).

Toda a percepção esta atrelada na relação entre o corpo e as coisas que me são dadas pelo mundo, isto é, por tudo aquilo que me cerca; desse modo toda a expressão do meu corpo se explica na linguagem da percepção exterior. “Da mesma maneira, será preciso despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo, enquanto percebemos o mundo com nosso corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com nosso corpo, o corpo que é um eu natural e como que o sujeito da percepção.” (MERLEAU-PONTY, p.278)

Deste modo, para Merleau-Ponty, fenômeno será tudo aquilo que vem de encontro a nosso corpo, são as manifestações exteriores, seremos fenômeno à medida que no lançamos a outro corpo, porém não basta apenas esse contato de se lançar é preciso experimentar através dos sentidos para obter consciência deste fenômeno. Cada sentido corpóreo nos proporcionará uma forma diferente de apreender os fenômenos, e tornando-os conscientes de diferentes formas. Os fenômenos são experimentados, é a partir desse contato suspenso de juízos empíricos que nos dirigimos de encontro às essências das coisas, dessa forma tomamos consciência do fenômeno e da forma como ele se apresenta.

Daqui para frente, nossa abordagem sobre os indivíduos surdos se dará a partir da ótica fenomenológica. Nesta estudaremos um indivíduo que se destaca na

comunidade surda e, a partir da sua percepção, buscaremos compreender o que seria fenômeno e consciência para essa pessoa. Para isso, assim como Oliver Sacks faz em seu livro *Ouvindo Vozes*, precisamos da mesma forma realizar uma viagem ao mundo dos surdos, entender como percebem o mundo, como se dão suas percepções e consciência a cerca da linguagem.

CAPÍTULO II

2. O CORPO DESPROVIDO DE SENTIDOS

Após termos estudado a abordagem fenomenológica e perceptiva em Merleau-Ponty, neste segundo capítulo, faremos uma análise fenomenológica focando nos indivíduos desprovidos do sentido auditivo, o modo como se dá essa percepção no mundo. Para isso, além de apresentar algumas definições e relatos referentes à cultura surda, nos valeremos de Sueli Ramalho Segala para dizer através da sua experiência e testemunho de vida como é a realidade de um corpo desprovido do sentido auditivo.

A percepção se dá de diferentes formas nos indivíduos, já que cada um possui uma forma de apreender o mundo e de tomar consciência dele. Os sentidos possuem sua potencialidade em cada pessoa, eles se manifestam de diferentes formas um dos outros, isto é, a visão de um indivíduo não será propriamente igual a do outro, pois cada um terá uma apreensão específica de uma determinada cor, de formas, tamanhos e até mesmo no foco do objeto observado, outro exemplo claro que podemos dar é em relação à sensibilidade, pois em uma determinada temperatura haverá indivíduos que sentirão frio ao mesmo tempo em que outros estarão sentindo calor.

A percepção, para Merleau-Ponty é extremamente corpórea, o corpo é responsável por perceber o mundo à medida que vai de encontro com os objetos ou a outros corpos, cada sentido tem uma função diferenciada para perceber os fenômenos, e a ausência de um deles, em si, apenas diferenciaria o modo de apreender o mundo, devido à classe majoritária não ser privada desse sentido como estes indivíduos.

No sexto capítulo, da primeira parte, da obra *Fenomenologia da Percepção*, intitulado de “O corpo como expressão e a fala”, Merleau-Ponty explora a abordagem da linguagem, na qual só pode ser reconhecida a partir da percepção do corpo, sua existência só se dá a partir da compreensão de “imagens verbais”, ou seja, através dos traços deixados em nós pelas palavras pronunciadas ou ouvidas.

2.1 O corpo desprovido da audição: o Surdo

O corpo é a parte material e orgânica dos seres vivos, é através dele que os seres vivos, mais especificamente os seres humanos, vivenciam e experimentam o mundo, a partir dos sistemas fisiológicos e sensoriais. Um corpo geralmente é considerado normal quando possui as mesmas características físicas e sensoriais que a maioria dos outros corpos. Um corpo é desprovido de sentido quando lhe falta algum dos cinco sentidos, que normalmente estão presentes no maior número de pessoas: visão, audição, paladar, olfato e tato. Abordaremos nesse capítulo o corpo desprovido de audição, que é o foco principal deste trabalho.

Antes de seguirmos a reflexão acerca do corpo desprovido do sentido auditivo, precisamos conhecer quem são os indivíduos e identificá-los através da sua história e vivência social. Então, para desenvolvermos esse capítulo é importante respondermos a seguinte pergunta 'Quem é o Surdo?'. A partir desta resposta poderemos compreender um pouco deste corpo ausente do sentido auditivo e que percebe o mundo e os fenômenos que o cerca de uma forma um pouco diferenciada dos demais indivíduos.

Chama-se pessoa surda (ou surdo) aquela que é portadora de surdez e que possui uma identidade, uma cultura, uma história e uma língua.

Em meados dos anos setenta, emergiu uma nova forma de encarar a surdez, que encara o surdo como pertencendo a uma comunidade linguística minoritária, pelo fato de usar uma língua distinta da maioria ouvinte. Estudiosos há que acreditam que "o problema dos surdos não é a surdez... mas as representações dominantes". Assim, a concepção antropológica defende como um de seus objetivos primários garantir o acesso dos surdos à língua gestual, a sua língua de aquisição natural. (Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Rio de Janeiro [APILRJ])

Vimos que o surdo, como é adequado dizer, é aquele indivíduo portador da surdez, que mesmo vivendo com as pessoas consideradas normais, possui uma identidade própria, além de uma cultura e língua diferente da classe majoritária. Outra coisa que se deve destacar é a história desses indivíduos. Essa é marcada por diversas lutas e dificuldades, pois os surdos sempre foram deixados à margem da sociedade, mas com muito esforço alcançaram a valorização da pessoa surda e, com isso, o reconhecimento cada vez maior em relação à acessibilidade da

comunidade surda na vida social. Porém, antigamente, pelo fato de não possuírem audição as pessoas os consideravam incapazes de pensar. Cerca de 4000 anos a.C. e 476 d.C., na Antiguidade, o surdo não possuía valor algum, uma vez que a fala não se desenvolvia sem a audição, quem não ouvia, não falava e não pensava, não podendo receber ensinamento e, portanto, aprender.

Segundo HIGGINS (op. cit., 1990), os ouvintes na antiguidade greco-romana consideravam que os surdos não eram seres humanos competentes... Este argumento era usado pelos gregos e romanos para aqueles que nasciam surdos, que inclusive em determinados momentos nesta época eram sacrificados. Aristóteles considerava que a linguagem era o que dava condição de humano para o indivíduo, portanto sem linguagem o surdo era considerado não-humano e não tinha possibilidade de desenvolver faculdades intelectuais. Não há referência de que os surdos usassem outro tipo de comunicação naquela época, como Sinais, a única mencionada claramente é a fala. Aqui temos a primeira alusão histórica que dá um valor de humanização para a fala e que vai servir como base para o trabalho de recuperação dos surdos no decorrer dos séculos. (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p. 2)

Passando-se esse período da antiguidade, por volta de 476 a 1453, inicia-se a Idade Média, na qual não foi muito diferente da fase anterior, pois os surdos ainda eram marginalizados e excluídos; eram considerados como “não humanos”, e para a Igreja, que era a instituição política da época, eles não poderiam professar os sacramentos, pelo fato de não poderem falar, sendo assim, apenas foi pensada a educação desses indivíduos no final desse período.

Os surdos continuam a ser vistos como não-humanos neste momento, a partir de uma visão religiosa, pois para a igreja católica eles não poderiam ser considerados imortais já que não podiam falar os sacramentos. Apenas no final da Idade Média, segundo SKLIAR (op. cit., 1996), esboçava-se um caminho para a educação do surdo que se colocava na forma de preceptorado, isto é, um professor que se dedicava inteiramente a um aluno para ensiná-lo a falar, ler e escrever para que ele pudesse ter o direito de herdar os títulos e a herança familiar. (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p. 2)

Já na Idade Moderna, a educação dos surdos começou a se desenvolver, partindo da nobreza que sentia essa necessidade de fazer com que os seus filhos nascidos surdos falassem e escrevessem, dessa forma podendo possuir o direito da herança. Em diversos lugares do mundo, pessoas que estudavam a causa quebraram esses paradigmas religiosos, filosóficos e da medicina de que afirmavam

que os surdos não poderiam pensar, assim não seriam capazes de escrever e falar. Nessa época foi desenvolvido o que se chama de filosofia oralista, na qual o surdo conseguia ler os lábios das pessoas, mas para isso eram precisos de anos de estudo.

O início da verdadeira educação do surdo iniciou-se com PEDRO PONCE DE LEÓN (1520 -1584), ainda dirigida à educação de filhos de nobres. Ele é considerado o primeiro professor de surdos na história, cujo trabalho serviu de base para muitos outros educadores de surdos (LANE, op. cit., 1989). Ele conseguiu ensinar os surdos a falar, ler, escrever e alguns chegaram a aprender filosofia. Desta forma ele demonstrou a falsidade das crenças existentes até aquele momento sobre os surdos: religiosas, filosóficas e médicas (pois os médicos afirmavam que os surdos não podiam aprender porque tinham lesões cerebrais). (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.3)

Na contemporaneidade, que ocorreu no final do século IX e início do XX, por volta de 1789-1900, os estudos sobre a surdez se ampliaram, a educação dos surdos e o ensino da língua de sinais começou a se expandir, as pessoas viajavam para outros países para aprender esses métodos de educação para surdo.

O trabalho numa linha de Sinais começou a ser realizado em diferentes países da Europa, chegando inclusive aos EUA. Os responsáveis pela introdução dos Sinais e pela educação institucionalizada para surdos naquele país, foram o americano THOMAS GALLAUDET (1787-1851) e o francês LAURENT CLERC (1785-1869). THOMAS GALLAUDET, interessado na educação de surdos, viajou à Europa para aprender um método que permitisse que ele implantasse um ensino especializado para surdos nos EUA. (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.5)

Ainda no início do século XX, no decorrer do ano de 1900 até os dias atuais, esse período é marcado por três importantes filosofias educacionais que passaram a ser importantes na história da educação dos surdos. Estas são: o oralismo; a comunicação total; o bilinguismo e língua de sinais. A princípio, a primeira filosofia a ser executada foi o oralismo, esta se apoiava na oralização dos surdos, ou seja, não permitia a execução dos sinais, chegava-se a amarrar os braços dos surdos para a realização do aprendizado; esta técnica consistia na prática de ler os lábios e falar algumas palavras, trazendo assim as esperanças para a transformação de um surdo em um ouvinte. A segunda filosofia realizada foi a da comunicação total, que além das práticas oralistas de leitura labial e pronúnciação de algumas palavras, podiam-

se utilizar a língua de sinais e qualquer tipo de mímica ou qualquer outro meio para que houvesse comunicação.

Estas pesquisas baseavam-se em comparações de filhos surdos de pais ouvintes (FSPO) com filhos surdos de pais surdos (FSPS). Os FSPS eram expostos à Língua de Sinais desde o nascimento e normalmente colocados em escolas oralistas. Os resultados mostraram que eles tinham melhor desempenho acadêmico em matemática, leitura e escrita, vocabulário, sem diferenças na leitura orofacial e na fala (MOORES, 1978). (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p. 13)

A última filosofia é a mais atual, utilizada pelas grandes escolas de surdos, é o bilinguismo e a língua de sinais. Esta filosofia permite ao surdo criar sua própria identidade, como surdo, adotando a língua de sinais como primeira língua e depois a língua do país de origem. As escolas bilíngues possuem esse trabalho de ensinar ambas as línguas à criança, mas primeiro ela é introduzida na cultura surda e, pouco a pouco, é inserida na língua dos ouvintes, ou seja, “A língua oral ou escrita será trabalhada seguindo os princípios de aprendizado de uma segunda língua” (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.19).

O princípio fundamental do Bilinguismo é oferecer à criança um ambiente linguístico, onde seus interlocutores se comuniquem com ela de uma forma natural, da mesma forma que é feito com a criança ouvinte através da língua oral. A criança surda tem a possibilidade, desta forma, de adquirir a Língua de Sinais como primeira língua, não como uma língua ensinada, mas apreendida dentro de contextos significativos para ela. [...] A fundamentação teórica do Bilinguismo pode levar a duas formas de implantação. As duas coincidem no que tange à primeira língua a ser adquirida pela criança (Língua de Sinais), mas diferem quanto à segunda. Para uma, a segunda língua é a oral e para outra é a escrita. Esta última é uma visão mais radical, que considera que o aprendizado da fala é muito demorado e não compensa o trabalho despendido em relação aos resultados alcançados. (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.19 e 26)

A filosofia bilíngue é a mais atual, porque fornece ao surdo uma identidade, proporciona uma cultura e o reconhecimento da identidade e da cultura surda, o que acaba formando uma comunidade, na qual esses indivíduos passam a “afirmar sua autenticidade através de trabalhos científicos, movimentos de protesto e culturais, conseguiu mobilizar alguns responsáveis por sua educação para que esta fosse reformulada.” (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.18).

Embora a filosofia bilíngue seja a mais atual, ela ainda não tem uma aceitação expressiva, pois as pessoas possuem dificuldade para admitir os surdos como pessoas diferentes, e não como simples deficientes, indivíduos que possuem uma língua, cultura e pertencentes a uma comunidade própria. “A necessidade de normalização do surdo, até chamado de ‘deficiente’ auditivo, se relaciona ao medo, à colocação de desejos pessoais (se eu fosse assim eu preferiria que...) e não ao que, aquele que nasceu surdo, necessita e coloca como seu desejo.” (MOURA; LODI; HARRISON, 1997, p.21).

Colocamos aqui parte importante da história dos surdos, não sua totalidade, mas aspectos que contribuem para conhecimento de sua pessoa, enquanto identidade, e sua cultura, pois esses fatores são importantes para os reconhecimentos deles e, também, para nos ajudar a compreender a importância de um sistema linguístico diferenciado, com isso, mesmo vivendo em um ambiente no qual a maioria das pessoas são ouvintes, os surdos ao possuírem uma língua diferente acabam trazendo consigo características que ao mesmo tempo são semelhantes (em alguns gestos e expressões) e diferentes (na maneira de perceber o mundo).

Portanto, assim como dizia o filósofo Cícero: “A história é testemunha do passado, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, anunciadora dos tempos antigos” (*De Oratore*), por isso, entender as lutas e as conquistas desses indivíduos é compreender quem eles são através da história. Dessa forma, assim como diz Oliver Sacks (2015, p.10), podemos perceber que o estudo dos surdos mostra-nos que boa parte do que é distintamente humano em nós - nossas capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura - não se desenvolve de maneira automática, não se compõe apenas de funções biológicas, mas também tem origem social e histórica, essas capacidades são um presente - o mais maravilhoso presente - de uma geração para outra. Percebemos que a cultura é tão importante quanto a natureza.

2.2 O corpo como expressão e linguagem

O corpo é a base de todos os sentidos e dos fenômenos corpóreos, por isso não podemos desvincular nada dele. Qualquer tipo de comunicação, pensamento, forma de expressão ou movimento estão diretamente vinculadas ao corpo, e ao mesmo tempo em que ele executa estas ações,⁴ ele as recepta⁵. Esses fatores desembocam na linguagem, é esta que estabelece a comunicação exterior.

A linguagem não está desassociada ao corpo, porque a fala e os gestos estão vinculadas ao corpo de forma mesclada que acabam se tornando únicos. É a partir dela que podemos manifestar nosso pensamento que não está desvinculado do corpo.

O gesto aparece aqui como mecanismo “alternativo”, como mediação para a fala, mostrando a sua inter-relação com a linguagem e seu estatuto simbólico. É por essa interdependência das funções simbólicas que o gesto parece servir como intermediário para a aquisição da linguagem oral quanto da língua de sinais. (SANTANA, 2007, p.82)

Merleau-Ponty em toda sua obra perpassa pela linguagem e a vincula totalmente ao corpo, no qual “em seu pensamento, o reconhecimento da linguagem como um modo original de sentido é ocasião para a dissolução da dicotomia sujeito-objeto” (FURLAN; BOCCHI, 2003, p.446) trazida pelas abordagens empirista e intelectualista. Ao contrário dessa abordagem a linguagem não é a tradução ou a reprodução do pensamento, mas sim a fonte do sentido do próprio pensamento.

Como veremos, na Fenomenologia da percepção, ao rever as tradicionais concepções em filosofia da linguagem, ele assinala um parentesco entre as abordagens empirista e intelectualista: ambas as visões desconsideram o potencial expressivo da palavra e partem de um pressuposto comum, o da exterioridade entre signo e significado. No empirismo, a linguagem é objetivada e o sujeito inexistente. No intelectualismo, ela é operação essencialmente subjetiva e a posse do sentido é remetida ao sujeito pensante. Em outros termos, nos dois tratamentos dedicados à linguagem, a palavra não tem significação própria. O projeto merleau-pontyano visa, nesse sentido, ultrapassar estas concepções através da atribuição de um sentido à palavra. (FURLAN; BOCCHI, 2003, p.445)

⁴ Ações no sentido de movimento, realização mecânica e comunicacional como: andar, falar, movimento dos órgãos, caretas, etc.

⁵ Recepta a partir das percepções, estas são lhe dadas pelos órgãos do sentido.

A palavra está ligada ao conceito, ela por si não diz nada a respeito do objeto, pois se eu não passar pela experiência da representação do que a palavra em si representa, se não tiver contato com a imagem verbal, não terei consciência daquilo que a palavra está representando. Segundo Merleau-Ponty (2006), essa revivência da imagem verbal era o essencial, agora ela é apenas o invólucro da verdadeira denominação e da fala autêntica, que é uma operação anterior. Portanto, ultrapassa-se tanto o intelectualismo quanto o empirismo pela simples observação de que a palavra tem um sentido para aquele que a diz.

O retorno ao sentido do fenômeno da fala conduz à crítica de duas abordagens tradicionais, duas concepções que ainda estão presas à dicotomia sujeito-objeto e que foram, a princípio, influenciadas pelo pensamento cartesiano. Trata-se das concepções empirista e idealista – imbuídas dos vieses do objetivismo e do subjetivismo, respectivamente – que em seu intento de explicitar o fenômeno linguístico não tiveram êxito em mostrar a autêntica dimensão expressiva da linguagem. Por isso, o trabalho merleau-pontyano começa por uma revisão das tradições empirista e idealista. Como resultado desta tarefa crítica, o autor aponta um fator comum às duas abordagens: ambas negam um sentido à palavra. (FURLAN; BOCCHI, 2003, p.446)

A fala une-se ao objeto para descrevê-lo, dizer suas características e qualidades, porém ela por si só não pode propiciar o reconhecimento do objeto como a experiência faz, por isso, Merleau-Ponty rompe com essas teorias racionalistas do conhecimento, pois assim como o sistema kantiano propõe é necessário que a experiência e racionalidade se mesquem para formulando um pensamento. “A denominação do objeto não vem depois do reconhecimento, ela é o próprio reconhecimento” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 242).

Reporto-me à palavra assim como minha mão se dirige para o lugar de meu corpo picado por um inseto; a palavra é um certo lugar de meu mundo linguístico, ela faz parte de meu equipamento, só tenho um meio de representá-la para mim, é pronunciá-la, assim como o artista só tem um meio de representar-se a obra na qual trabalha: é preciso que ele a faça. (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 246)

O corpo também possui função evocativa, na qual “seu papel na memória é não a consciência constituinte do passado, mas um esforço para reabrir o tempo a partir das implicações do presente” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 246), assim produzindo corpos psudopresentes. Da mesma forma encontramos essa memória

do corpo na iniciação cinética: “o corpo converte uma certa essência motora em vociferação, desdobra o estilo articular de uma palavra em fenômenos sonoros, desdobra em panorama do passado de movimento em movimento efetivo, porque ele é um poder de expressão natural” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 246-247)

Devemos saber que a fala não é um signo do pensamento, pois “A fala e o pensamento só admitiriam essa relação exterior se um e outro fossem tematicamente dados; na realidade, eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido.” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 247) A fala, que esta contida no meu corpo, seja oral ou gestual, é um meio no qual utilizo para expressar meu pensamento, como se fosse um invólucro e a vestimenta do pensamento.

Sendo assim, “quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele”. Reconhecendo meu corpo, indo de encontro com os outros, e me comunicando a partir do corpo, isto é, a linguagem gestual e da fala. Portanto, “a fala é um verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 249), dessa forma é possível estabelecer uma comunicação. Porém, para que haja uma comunicação eficaz, é preciso que conheça o código de linguagem utilizado pelo outro através do seu vocabulário e sintaxe.

CAPÍTULO III

3. A LÍNGUA DE SINAIS

Veremos, a partir de agora, uma sintética abordagem da fonologia⁶ e da morfologia, elementos que compõe a estruturação dos gestos na língua de sinais, buscando assim estabelecer um paralelo que mostre panoramicamente as diferenças entre a língua de sinais e a oral. Ambas as línguas possuem os gestos atrelados na sua comunicação, porém, na língua oral o gestual serve apenas para enfatizar ou expressar aquilo que está sendo oralizado, diferentemente da língua de sinais que possui sua totalidade comunicativa com base nos sinais gesticulados.

Conhecendo um pouco da língua, que por si já faz parte de uma cultura, daremos continuidade a partir da pessoa em gesto, a partir da abordagem gestual que se dá nesse paralelo entre a linguagem gestual e a língua de sinais, falaremos da pessoa em gesto, na qual é constituída inicialmente antes da aquisição da fala oral, os gestos como uma língua natural.

Concluindo esse capítulo, relacionaremos as abordagens anteriores, tendo em destaque o corpo sendo ele aquilo que se move, recepta e externaliza os fenômenos e a linguagem que possui o gestual como primordial. Apresentaremos ambos os aspectos, tendo base a análise fenomenológica, buscando aplicar o corpo e a linguagem a partir da percepção da Sueli Ramalho, surda, na qual durante o período desta pesquisa observamos e dialogamos, assim tentaremos identificar esse corpo que se move e o fenômeno em que o indivíduo surdo adquirir a língua oral, a parti dela, fazer uma reflexão a respeito da deficiência.

⁶ Fonologia das línguas de sinais é o ramo da linguística que objetiva identificar a estrutura e a organização dos constituintes fonológicos, propondo modelos descritivos e exploratórios. A primeira tarefa da fonologia para a línguas de sinais é determinar quais são as unidades mínimas que formam os sinais. A segunda tarefa é estabelecer quais são os padrões possíveis de combinação entre essas unidades e as variações possíveis no ambiente fonológico. (QUADROS; CRUZ, 2009,p.47)

3.1 A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

Para que haja uma cultura ou língua que envolva relacionalmente as pessoas, é necessário possuir uma organização, na qual estabeleçam normas e uma estrutura a ser seguida. Traremos aqui, a abordagem da língua, neste caso a língua brasileira de sinais (libras), apresentando como ela se estrutura. Precisamos saber que, embora a língua de sinais seja uma língua particular dos surdos, esses indivíduos, mesmo possuindo uma cultura própria, não estão dissociados dos contextos regional ou nacional de seus ambientes natais, as línguas estão interligadas, porém os signos representativos serão distintos, exceto a escrita, que, de certa modo, permanece com alguns padrões semelhantes, porém os indivíduos surdos terão um pouco de dificuldade em dominar o padrão escrito, pelo fato de algumas peculiaridades da comunicação gestual não ter a mesma estrutura que a linguagem escrita.

A Língua Brasileira de Sinais - Libras - como toda língua de sinais, foi criada em comunidades surdas que se contataram entre si e a passavam ao longo de gerações. É uma língua de modalidade gestual-visual porque utiliza, como canal ou meio de comunicação, movimentos gestuais e expressões faciais que são percebidos pela visão para captar movimentos, principalmente das mãos, a fim de transmitir uma mensagem, diferenciando-se da Língua Portuguesa, que é uma língua de modalidade oral-auditiva por utilizar, como canal ou meio de comunicação, sons articulados que são percebidos pelos ouvidos. (ROSA, 2005, p.20)

Frequentemente podemos nos deparar com pessoas que confundem a língua de sinais, neste caso a libras, com simples gestos ou mímica, devido o fator de sua transmissão ser de modalidade não-verbal, “durante muito tempo, foi considerada - e para alguns ainda o é - um sistema natural de gestos, sem nenhuma estrutura gramatical própria e com áreas restritas de uso (ROSA,2005, p. 19). Ao fazerem isso, algumas pessoas não compreendem o quanto a língua de sinais é viva, repleta de expressões e sentimentos que desenvolvem a imaginação, “nenhuma outra língua é mais apropriada para expressar grandes e fortes emoções” (ROSA, 2005 *apud* DESLOGES, 1984, p. 20). Assim como nas línguas orais, os usuários da língua de sinais também podem discutir sobre diversos assuntos; desde algo que abarque temas do cotidiano como leituras, esportes, teatro, sentimentos, poesia, ou

até mesmos temas mais complexos como filosofia, política, entre outros temas que são retratados pelos ouvintes.

A diferença fundamental entre línguas de sinais e orais, segundo Stokoe e o grupo de pesquisadores que se dedicou à investigações das línguas de sinais durante os anos 1960 e 1970, diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais. Stokoe (1960) realizou uma primeira descrição estrutural da ASL, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos como composicionais e não-holísticos, e que os sinais apresentam uma estrutura dual, isto é, que podem ser analisados em termos de conjunto e de propriedades distintivas (sem significado) e de regras que manipulam tais propriedades. (QUADROS; KARNOPP, 2009 p.48)

É possível falar de abstrações na língua de sinais, porém será necessário fazer analogias, aproximar essa abstração ao concreto, como, por exemplo, o conceito de liberdade. Para falar sobre isso, inicialmente é preciso mostrar o sinal da escravidão e em seguida fazer um sinal que represente o rompimento das correntes, assim atingirá o significado esperado para que o surdo compreenda. A articulação da língua de sinais é produzida a partir das mãos, que juntamente com as expressões faciais e aos demais deslocamentos e movimentos do corpo, acabam estabelecendo a comunicação. O que determina a língua de sinais é identificar a configuração de mão, as localizações e os movimentos que têm um caráter distintivo.

Segunda Souza (1998), Stokoe empenhou-se em evidenciar a isomorfia entre sinal e fala, valendo-se de parâmetros similares ao do distribucionalismo. O linguista americano nomeou “quirema” o segmento mínimo sinalizado, correspondente ao fonema da fala. Segundo ele, cada morfema, unidade mínima de significação, seria composto por três quiremas: ponto de articulação, configuração das mãos e movimento, possuindo, cada um deles, um número limitado de combinações. (ROSA, 2005, p. 20)

Antes de começar a falar dos componentes principais da língua de sinais, precisamos saber que as línguas de sinais de cada país são distintas uma das outras, por exemplo, “o Brasil e Portugal possuem a mesma língua oficial, o Português, mas as línguas de sinais desses países são diferentes, ou seja, no Brasil é usada a Língua Brasileira de Sinais – Libras e, em Portugal, usa-se a Língua Gestual Portuguesa – LGP” (ROSA, 2005, p. 22), cada país terá seus próprios sinais e a sua própria linguagem. Embora haja essa distinção os parâmetros básicos que compõe a estrutura da língua de sinais serão: “configuração de mão (CM),

movimento (M), ponto de articulação (PA) e orientação (O). “São essas articulações que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes morfemas” (ROSA, 2005, p 24); além dessas características, as expressões faciais e/ou corporais, o movimento da cabeça e do corpo, também é considerado como componente não-manual dos sinais.

Existem 46 sinais básicos que a partir deles é possível realizar todos os demais sinais, eles são reconhecidos como configuração de mão. “As CMs da língua de sinais brasileira, sendo agrupadas verticalmente segundo a semelhança entre elas, mas ainda sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes” (QUADROS; KARNOPP, 2009, p.53).

O movimento (M) é o que dará a CM determinado sentido, dependendo do ponto de articulação/ localização do sinal. “O movimento é definido como um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço” (QUADROS; KARNOPP *apud* KLIMA; BELLUGI, 1979 p.54). “As configurações podem variar apresentando uma mão pode estar configurada sobre a outra que serve de apoio, tendo esta sua própria configuração” (ROSA, 2005, p. 25).

A seguir mostraremos uma tabela com as categorias do parâmetro na língua de sinais brasileiras.

Categorias do parâmetro movimento na língua de sinais brasileira (Quadros; Karnopp *apud* Ferreira-Brito, 1990, p. 56)

TIPO

Contorno ou forma geométrica: retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular, pontual.

Interação: alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado

Contato: de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar

Torcedura do pulso: rotação com fretamento.

Dobramento do pulso: para cima, para baixo.

Interno das mãos: abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/ gradativo)

DIRECINALIDADE Direcional - Unidirecional: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para a lateral inferior esquerda, para a lateral inferior direita, para a lateral superior esquerda, para a lateral superior direita, para específico ponto referencial. - Bidirecional: para cima para baixo, para a esquerda e para a direita, para dentro e para fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda Não-direcional	
MANEIRA Qualidade, tensão e velocidade - contínuo - de retenção - freado	FREQUÊNCIA Repetição - simples - repetido

O ponto de articulação (PA) é a localização na qual a Configuração de Mão será realizado o sinal. “Esse espaço é limitado e vai desde o topo da cabeça até a cintura sendo alguns pontos mais precisos, tais como a ponta do nariz, e outros, mais abrangentes, como a frente do tórax” (ROSA, 2005, p.27). A divisão mais precisa da localização é estabelecida por Quadros e Karnopp por: cabeça, mão, tronco e espaços neutro (situações em que o local onde o sinal é realizado não for relevante); há sinais que se diferenciam somente pelo ponto de articulação (ROSA, 2005, p.28). O quadro a seguir dará um panorama geral de cada localização:

Localções (Quadros; Karnopp <i>apud</i> Ferreira-Brito; Langevin, 1995, p. 58)			
Cabeça	Tronco	Mão	Espaço Neutro
topo da cabeça	pescoço	palma	
testa	ombro	costas das mãos	
rosto	busto	lado do indicador	
parte superior do rosto	estômago	lado do dedo mínimo	
parte inferior do rosto	cintura	dedos	
orelha	braços	ponta dos dedos	
olhos	braço	dedo mínimo	

nariz	antebraço	anular	
boca	cotovelo	dedo médio	
bochechas	pulso	indicador	
queixo		polegar	

Além desses três principais elementos, Quadros e Karnopp (2005, p.59-60) apontam mais dois elementos secundários que compõe essa estruturação: a orientação da mão (Or) e as expressões não-manuais (ENM). A orientação de mão consiste em orientar a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita ou para a esquerda. As expressões não-manuais (ENM), tem sua função, a partir das expressões faciais, dos olhos, da cabeça ou do tronco, de marcar as sentenças interrogativas: sim, não, o quê, entre outros componentes lexicais que demarcam referência específica, referência pronominal de partícula negativa, advérbio, grau ou aspecto.

No caso dos nomes de pessoas, ou palavras desconhecidas usa-se a datilologia, no qual a palavra é a soletrada a partir do alfabeto manual. Cada palavra possui um sinal próprio ou uma assimilação ao serem interpretados na libras, há casos de adaptações de sinais pelo fato de não existir um sinal próprio, isso é feito usando mais de um sinal, isto é, buscando contextualizar o que a palavra significa, como o exemplo da palavra liberdade, que foi visto mais acima. A Libras não possui o tempo verbal como a língua portuguesa, “quando o verbo refere-se a um tempo passado, futuro ou presente, o que vai marcar o tempo da ação ou do evento serão itens lexicais ou sinais adverbiais com o ontem, amanhã, hoje, semana passada, semana que vem” (ROSA, 2005, p.34).

Para determinar a quantidade e intensidade de alguma coisa, não é preciso usar o sinal de muito junto ao que quero quantificar, pois a expressão dará a intensidade do que quero dizer e a repetição do sinal expressará a quantidade que quero indicar. Os gêneros, masculino e feminino, são indicados antes da realização de cada sinal, por exemplo, se quero dizer que um animal é macho ou fêmea é necessário usar o sinal do animal em seguida o gênero: cachorro + mulher. “Na Libras, os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa,

pessoa e animal, funcionam como marcadores de concordância. O classificador modifica o próprio nome, mas não é um advérbio” (ROSA, 2005, p. 41).

Algumas vezes, as pessoas ouvintes não compreendem o que os surdos escrevem, por não entenderem que a concepção gramatical da língua surda é diferente do português, acabam não compreendendo o que a pessoa está querendo expressar, pois por ser uma língua visual o pensamento também será visual. Precisamos entender que “a sintaxe descreve a ordem e a relação entre as palavras e os termos da oração, caracterizando-se, em Libras, na maioria das vezes, pela organização sintática dos sinais na seguinte ordem: sujeito – verbo – objeto (SVO), que é um dos princípios universais possíveis para a organização das palavras na frase” (ROSA 2005 *apud* BRITO, 1995; QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 45). Em Libras o artigo é desnecessário e não possui função nenhuma, e a frase “o gato comeu o rato” ficaria escrita dessa forma: “rato – gato – comer”, pois é necessário apresentar a vítima que é o rato, depois o gato e por último o verbo. Além disso, como dito anteriormente, as línguas de sinais fazem uso da expressão facial para determinar alguns fatores da frase como interrogação, dúvida, alegria, entre outros, assim como no nas línguas orais usamos a entonação da voz para representar esses fatores, a expressão torna-se um elemento fundamental na frase.

Cada sinal possui uma etimologia de acordo com a cultura do país, devido a isso a língua de sinais não pode ser considerada universal, embora existam alguns sinais que sejam parecidos, mudando o movimento ou o ponto de articulação. Exemplificando o que foi dito a pouco temos os meses do ano em libras, no qual os sinais são compostos de acordo com datas da nossa cultura, como: em junho temos a festa de São João, o sinal correspondente ao mês de junho será como se fosse uma fogueira representando aquele monte de lenha das fogueiras de festa junina.

Portanto, a língua de sinais por pertencer a uma categoria gestual, e sendo o gesto uma linguagem natural do humano, no qual está presente em todas as etapas da sua vida faz dos indivíduos surdos uma pessoa em gesto. Essa pessoa em gesto domina essa linguagem natural, na qual é a mais pura expressão da vida, pois os sentimentos não podem ser mentidos a partir do corpo, se tenho uma dor não posso disfarçá-la, meu corpo irá manifestá-la de alguma forma, seja por uma careta ou outro gesto corporal. Dessa forma, ao possuir uma estruturação linguística que organiza essa língua, dificilmente podemos conter ambiguidades, principalmente por

que sua essência está no âmbito natural da linguagem, sendo assim a vivacidade da língua de sinais fará com que os indivíduos surdos vejam e comuniquem o mundo como ele realmente é, isto é, da maneira que ele o vive e experimenta.

3.2 A pessoa em gesto

Registros históricos indicam que no processo evolutivo dos seres humanos, antes de possuir um sistema de comunicação oral, o homem primitivo se comunicava a partir de gestos. Essas mímicas eram a forma mais rudimentar de comunicação, com o tempo o gesto gerou as artes das cavernas, comunicação e registro a partir de pinturas, e assim foi até chegar ao sistema comunicativo oralizado.

Conforme as ciências foram evoluindo, aos poucos, tudo passou a ter uma classificação e uma forma organizativa, desde a organização das pessoas até o seu modo de se comunicar e expressar, através da fala e dos gestos, que nunca se desvinculou do corpo, e passou a dar ênfase às palavras oralizadas.

Para compreendermos a pessoa em gesto, precisamos recordar desses indivíduos primitivos, como não possuíam a capacidade de verbalizar, tinham como língua natural os gestos, e a partir daí possuíam relações gestuais na qual o corpo era a mais pura expressão de sua existência, comunicavam isso através das pinturas nas cavernas. O gesto está presente durante toda a vida humana, pois “desde criança somos sujeitos do gesto - fônico ou manual- e é por meio de nossas interações que adquirimos saber sobre a construção do léxico, sobre a gramática e sobre os usos de uma língua” (SANTANA apud ALBANO, 2001, p. 79).

A gestualidade tem seu caráter de significação, tem natureza simbólica e cognitiva. O sentido do gesto, que qualifica a apraxia da mesma forma que a linguagem verbal, não é determinado de antemão, mas construído nas interações sociais e, por isso, passível de diferentes interpretações. (SANTANA, 2007, p. 81)

Antes da aquisição da linguagem e da aquisição da fala, os indivíduos aprendem a se comunicar através do gesto. É a partir do corpo gesticulado que se começa a entender o mundo, pois a criança antes da aquisição da fala experimenta os gestos sensoriais, primeiramente pelo tato e pela visão. Através dos gestos que o indivíduo vai tecendo e conhecendo o mundo.

O gesto aparece aqui como mecanismo “alternativo”, como mediação para a fala, mostrando sua inter-relação com a linguagem e seu estatuto simbólico. É por essa interdependência das funções simbólicas que o gesto parece servir como intermediário para a aquisição tanto da linguagem oral quanto da língua de sinais. (SANTANA, 2007, p. 82)

Um exemplo que podemos dar em relação à utilização dos gestos é quando dois indivíduos de idiomas diferentes quando estão frente um ao outro e tentam se comunicar a partir da língua oral, utilizam-se dos gestos como mediação daquilo que estão falando, pois mesmo com línguas distintas e culturas que são diferentes, o gesto é aquilo que mais se aproxima da realidade e ao gesticular a compreensão provavelmente terá mais êxito. Isso ocorre justamente devido o gesto estar sempre presente em nossa vida, o estímulo da comunicação é misto, os gestos estão atrelados em nossa fala, e enfatizam aquilo que queremos expressar.

O gesto se solidifica como elemento do enunciado à medida que esclarece, ao adulto, o significado atribuído à vocalização. Assim, no início da aquisição da linguagem, um período de aproximadamente dez meses, o gesto compõe o enunciado, esclarecendo seu significado. Isso quando a criança ainda não demonstra a eleição da oralidade como sua modalidade comunicativa privilegiada. Os gestos constituem um dos primeiros processos simbólicos da criança. (SANTANA, 2007 apud MORI 1994, p. 82)

Como vimos anteriormente, a língua de sinais é constituída da modalidade gesto-visual, ela não é como muitos pensam, mera mímica ou encenação do que se quer falar. Quando se fala a partir da língua de sinais, o gestual está contido de uma forma que abarca a totalidade do corpo, embora maior parte da comunicação usa-se as mãos, porém muitas vezes, alguns sinais ao serem elaborados exigem o deslocamento do corpo, além da expressão facial.

A língua de sinais, assim como a linguagem oral, tem seu estatuto gestual. A gestualidade na fala inicia-se com as vocalizações. A linguagem humana é, assim prenhe de gestos que variam da especificação mínima da origem do

simbólico (vocalizações, balbucios manuais e vocais) ao uso efetivo dessa ordem (usos de língua minimamente referenciada). (SANTANA, 2007, p.79)

Somente a língua de sinais possui quatro tipos de dimensões, segundo Sacks (2015, p.79-80) a língua de sinais explora plenamente as possibilidades sintáticas de seu canal de expressão tetradimensional. A comunicação deixa de ser linear e prosaica, sendo a língua de sinais é a mais pura utilização da corporeidade como todo, e sua a colocação na comunicação como uma espécie de “filme”, no qual os fatos são expressados de acordo com o acontecido, como se fosse uma dramaturgia.

Justamente, pelo fato do gesto ser a “língua natural dos seres humanos”, a pessoa em gesto, emerge a medida que vai tomando consciência de cada gesto e dominando esse modelo comunicacional tido através da língua de sinais. Essa língua é a mais pura expressão de comunicação, pois seu sistema não possui ambiguidade, e até mesmo as abstrações são expressadas a partir do concreto.

3.3 A percepção de Sueli Ramalho

Tendo apresentado nos capítulos anteriores a abordagem do corpo, que é base de todas as nossas percepções e linguagem, e a fala, que é composta pela cultura e uma estrutura que dá suporte a aquisição e utilização (oral ou gestual); a partir dessa constituição de pessoa, apresentaremos aqui a percepção de Sueli Ramalho. Para isso, partiremos de uma pesquisa fenomenológica, tendo base a análise de vídeos e do diálogo tido com a Sueli, tentando entender sua percepção do mundo e como aflorou nela o fenômeno da língua oral.

Sueli Ramalho Segala, surda profunda bilateral de nascença, é atriz, roteirista, escritora, professora e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. É filha de Antônio Segala e Zenilda Ramalho Segala, nasceu em Engenheiro Paulo de Frontim, no estado do Rio de Janeiro. Durante muitas gerações, sua família foi composta por membros surdos, há mais de trinta membros surdos, essa vivência a fez perceber que as pessoas que não pertenciam a sua família eram diferentes.

Desde pequena, Sueli observava que o mundo era diferente na sua família e através das brincadeiras com suas coleguinhas vizinhas, que eram ouvintes, passou a ter consciência de que cada coisa tinha um nome. Ela ensinava para os seus colegas a língua de sinais, desta forma, poderia se comunicar e, ao mesmo tempo, brincar, assim aprendia muita coisa brincando e corria para casa para contar a seus pais o que havia aprendido.

Brincar tornou-se uma regra, e tudo o que era aprendido durante a semana em suas brincadeiras, aos finais de semana Sueli, mesmo com quatro anos de idade, ia para associação dos surdos e ensinava tudo o que aprendia para a comunidade surda, desde os mais velhos aos mais jovens⁷. Desde então, Sueli acreditava que poderia falar, sempre achou que falava e poderia falar, suas coleguinhas colocava sua mão na garganta delas, ela visualizava a configuração bilabial e suas colegas mostrava a frequência senoidal através do alfabeto manual, até que depois de tanto tentar um dia ela pronunciou a palavra “bola”, não conseguiu de primeira, fora tentando inúmeras vezes e suas colegas a ajudava visualmente mostrando quando a vogal era mais alta ou mais baixa. A partir daí passou a visualizar o som, e sempre sendo ajudada pelos vizinhos, e o momento que pronunciava a palavra certa repetia para si inúmeras vezes, assim memorizando como é o som falado da palavra aprendida.

Logo após esse momento, começou a usar aparelho auditivo, que nunca a fez ouvir e nunca fará, mas a ajudou identificar determinados tipos de som e a sua frequência. Sueli diz que o aparelho não é capaz de reproduzir a fala humana, mas ajuda a identificar determinados timbres e frequências vocais.

Estudou na escola EEPG Visconde de Itauna, escola regular (de ouvintes), pois a única escola de surdos que tinha era no Rio de Janeiro, e Sueli não queria ficar distante de sua família. Como vivia no período do oralismo, no qual a língua de sinais era proibida e amarrava-se as mãos dos surdos para ensiná-los a oralizar, e não querendo passar por esse sofrimento, Sueli preferiu ir para escola regular, pois sua vizinha que a ensinava a falar, enquanto iam e voltavam todo o dia da escola.

⁷ Muitos surdos conhece os sinais, porém não sabem dizer o nome da coisa, ou até mesmo o contrário, há casos que conhecem a palavra e a sua figura, porém quando é pedido fisicamente o objeto escrito ou sinalizado eles não sabem identificar, isso é comum em casos de surdos oralizados e família ouvintes.

No período escolar, Sueli era motivo de chacota, por falar estranho e por se comunicar sempre estar falando em sinais, diziam que ela parecia um macaco. Certa vez, chegou na sua casa e disse a seus pais que não iria mais a escola, pelo fato de sempre zombarem e rirem da cara dela. Seus pais tentando confortá-la perguntaram qual era o motivo de que ela gostava de filmes mudos, como Charlie Chaplin e os três patetas, ela respondeu que era por que eles te traziam alegria, felicidade, então seus pais disseram que eles riem dela pelo fato dela levar alegria a eles, que ela era como uma atriz. A partir disso, Sueli nunca mais reclamou da escola, e juntamente com os colegas, aqueles que eram marginalizados por ser gordo, feio, negro, ela foi aprendendo e criando um elo de amizade com eles. Uma das suas maiores dificuldades era quando para identificar algumas palavras ou fatos que eram falados e que ela não conhecia visualmente, ou ao responder quando alguém mais velho a chamava, pois em libras não possui pronomes de tratamento como senhor ou senhora. Às vezes, ela não conseguia entender as histórias, como “uma menina de cabelos cacheados”, quando chegava em casa e perguntava: “o que é cacheado?”, seus amigos a ajudava com algumas coisas, as palavras que desconhecia para ela sempre ficavam como mistério.

Seu primeiro contato com o mundo sonoro foi quando teve seu primeiro namorado, entre dezessete - dezoito anos de idade, ela ensinou libras para ele e o levou à sua casa para conhecer seus pais. Ao frequentar sua casa, ele avisou que os pais dela fazia muito barulho, como não conhecia o som e nem conseguia identificá-lo de forma audível perguntou de que forma sua família era barulhenta, ele respondeu que ao lavar a louça, ao comer, ao deslocar algum objeto, e entre outras atividades. Sueli conversou com seus pais para fazerem menos barulho que o namorado havia falado que o volume estava muito alto, seus pais ficaram meio zangados com esse namorado, porém tentaram diminuir o barulho. Certa vez, seu pai estava assistindo televisão, quando ela vê o namorado sorrindo, curiosa perguntou do que estava sorrindo, então ele diz que o pai dela havia peidado, como não havia cheiro ela perguntou como ele sabia que o pai dela tinha peidado, então ele respondeu que ouviu o som. Curiosa, e duvidando de que seu pai havia peidado ela perguntou para o pai se ele realmente tinha feito o que o namorado disse, porém o pai negou e bravo mandou o menino embora e disse para a Sueli desmanchar o

namoro, pois não havia gostado do garoto, pois o peido não poderia ser sentido pela orelha, mas sim pelo nariz.

Após um tempo, Sueli conseguiu outro namorado, porém ainda gostava muito do anterior, pois não achava que ele mentiria, então conversou com seus pais que iria trazer o novo namorado para conhecê-los e queria que seu pai peidasse novamente para realmente saber se o peido produz algum tipo de som, pois para ela o peido só poderia ser identificado através do cheiro. Chegando em casa, apresentou o namorado aos pais, almoçaram e aguardaram o momento em que o namorado comentasse sobre a arte que havia combinado com seu pai. Como esse namorado era muito tímido, não ele não havia falado nada, porém ao levá-lo ao portão para ele ir embora o namorado comentou que seu pai havia passado mal e esteve o dia todo com flatulências. Para sua surpresa, descobriu que o peido acontecia além do cheiro e que o namorado anterior não estava mentindo, e a partir daí passou a ter consciência do que tinha som, mesmo não sabendo concretamente o que é o som, mas apenas sua vibração, e que o som também é vibração, e essa vibração chega na orelha das pessoas.

Feliz com o que havia acontecido ela voltou com seu primeiro namorado, no qual casou e teve um filho, chamado Felipe. Na gravidez, Sueli estava convicta de que seu filho nasceria surdo, pois em muitas gerações de sua família havia nascido surdos, porém quando seu filho nasceu, para sua surpresa, ao colocar um copo de água, que estava tomando, em cima da mesa de cabeceira, viu que o bebê começou a chorar com o barulho, chegou perto dele e começou a bater palmas, e via que o olho do seu filho piscava com o som. Preocupada achava que a criança tinha algum problema, porém sua mãe disse que seu filho era ouvinte, desse momento em diante passaram a ter mais cuidado em fazer menos barulho, principalmente para não acordar a criança. Seu filho, à medida que foi crescendo passou a ser o intérprete da família, e sua língua materna foi a língua brasileira de sinais, interpretava para seu avó o que a televisão estava dizendo entre outras coisas. Um fato interessante contado por Sueli, na Entrevista Imprevista – com o Brito Junior⁸, aconteceu quando era pequena, sua família sempre ia passear no circo, ela sempre

⁸ Toda relato biográfico foi retirado desta entrevista, tendo algumas informações a mais fornecida pela própria Sueli na conversa tida coletando informações da vida dela, no qual algumas perguntas se encontram em anexo. Também complementando essa entrevista está a entrevista dada no Identidade Geral.

gostou da expressão corporal do palhaço, isso para ela é o que tornava ele engraçado, porém ao começar o show via que o palhaço dizia com a boca muito aberta alguma coisa na qual todo mundo o imitava e davam muita rizada. Então com seu filho ouvinte, toda família, inclusive seu avô foram ao circo e perguntaram para o pequeno Felipe o que o palhaço dizia que todos davam muita rizada, ele respondeu que o palhaço dizia apenas “Boa Tarde!” e que todos respondiam “Boa Tarde!” e o palhaço pedia para dizer mais alto.

Sueli cursou técnico em eletrônica, e com fez um curso de Clown, no galpão de Folias, onde começou a atuar junto com seu irmão Rimar. Levavam alegria para todas as crianças surdas através de suas apresentações como palhaços. Também cursou a Faculdade de Letras português – espanhol na faculdade Uni Sant’Anna e letras libras na USP. Hoje Sueli viaja pelo país, às vezes, pelo mundo a fora realizando cursos, interpretando, além de atuar com seu irmão e coordenar o departamento de intérpretes na faculdade Uni Sant’Anna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão abordada neste trabalho nos leva a partir de um olhar fenomenológico, a refletir sobre a existência dos indivíduos surdos, passando enxergá-los com outros olhos, rompendo assim todo preconceito e exclusão que carregamos desde a antiguidade, além de rompermos com a ótica clínica-científica que olham para sua limitação como doença do corpo na qual deve ser tratada.

Vimos a partir da perspectiva do corpo que anatomicamente e existencialmente (o corpo enquanto existência) somos todos iguais, isto é, desde o modo de nascer ao modo de ser no mundo, ser um corpo, se deslocar e relacionar com os fenômenos, bem como a tomada de consciência do mundo a partir das experiências. Tudo através da percepção.

Tendo o corpo como a base da existência, o motor que o move na busca do conhecimento é a partir de sua percepção que ocorre pelos sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. A partir desses sentidos é que esse corpo percebe o mundo experimentando e (re)conhecendo o mundo a partir dos mecanismos sensoriais.

Perpassando pela história dos surdos e compreendendo como sua língua se estrutura, e como a cultura desses indivíduos se manifesta diante da cultura ouvinte que é majoritária, e diante de um mundo que é repleto de sons. Percebemos a complexibilidade da língua de sinais, que ao mesmo tempo em que é uma língua e compõe sua estrutura própria na linguística, alguns sinais são atrelados à linguagem gestual, mecanismo natural do homem de se comunicar, anterior a fala, que é artificial, vem sendo construída ao longo da vida.

Sendo assim, o que dá vida a essa pesquisa é a conversa que buscamos fazer com teoria, que tem seu desdobramento ainda muito atual, com a prática que é a vivência desses indivíduos, no qual elegemos um que se destaca e é uma grande representante da comunidade surda, pelo fato de superar aquilo que inicialmente é considerado como impossível aos olhos de quem permanece apenas na teoria.

Mesmo sendo surda de perda bilateral, Sueli Ramalho, não conhecendo concretamente o que é o som, percebe o mundo de forma muito autêntica, quebrando as barreiras de sua limitação sensorial e superando as dificuldades obtidas ao longo de sua história. Por isso, graças a muito esforço semeia a cultura

surda, fazendo-a florescer cada vez mais, pois para ela não existe preconceito, mas sim pessoas que são desprovidas de informações.

Juntamente com a literatura surda, na perspectiva fenomenológica, Sueli foi para esta pesquisa uma luz que nos guiou através da cultura surda, fornecendo-nos conhecimento sobre a língua de sinais e elementos da vivacidade e de sua cultura, que torna os surdos diferentes e não deficientes na ótica da ciência, que vê a deficiência como uma doença que deve ser tratada⁹.

Diante de suas inúmeras descobertas da vida, Sueli compõe um texto, refletindo sobre sua percepção acerca do som, trazendo então que sua deficiência não é algo que a torna melhor nem pior do que as outras pessoas. Ela não se considera deficiente, porém nunca entenderá o que é o som concretamente em sua vida, essa é sua maior limitação e reconhecer essa limitação, é reconhecer que sua humanidade e que não é e não será capaz de entender todas as coisas do mundo e que não encontrará todas as respostas para suas perguntas.

Podemos perceber o mundo de inúmeras formas, o corpo é o que nos veicula e que nos faz afeta uns aos outros e nos permite ser afetados. O humano, embora a maioria das vezes em sua existência busque a perfeição, deve se reconhecer limitado, buscar no outro reconhecimento de suas limitações, pois novamente retomando a fala de Oliver Sacks (2015, p.10) referente aos estudos dos indivíduos surdos: nossa capacidades de linguagem, pensamento, comunicação e cultura - não se desenvolvem de maneira automática, não se compõe apenas de funções biológicas, mas também tem origem social e histórica, essas capacidades são um presente - o mais maravilhoso presente - de uma geração para outra. Percebemos que a cultura é tão importante quando a natureza.

Sendo assim, Sueli Ramalho, portadora de um corpo ausente de um sentido, é consciente de sua deficiência, porém ela se vê apenas como uma pessoa limitada. Possuir limitações e reconhecê-las é próprio da essência do homem, pois da mesma forma ela não terá respostas do que é o som enquanto sua essência, o reconhece somente pela vibração que este faz. Ela nos faz pensar que não teremos respostas

⁹ A ciência, por outro lado, desenvolveu tecnologias que fornecem conforto a vida dos surdos, porém estamos refletindo o lado no qual ao ela coloca ela tenta curar a surdez, e isso acaba desvalorizando a cultura desses indivíduos e fazendo com que eles não aceitem sua própria surdez.

para todas as questões da vida, nosso corpo é limitado, e saber reconhecer esses limites é o que nos fará viver melhor.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação dos Profissionais Tradutores/Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais do Rio de Janeiro (APILRJ). **Quem é o surdo?**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.apilrj.org.br/quemeosurdo.html>>. Acesso em 30 de agosto de 2015.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. A percepção em Edmund Husserl em em Maurice Merleau-Ponty. **Veritas**: Revista da PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p.79, Março. 1997.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Fávio Sales. **Revista Μετάνοια**: As concepções de corpo construídas ao longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade, Minas Gerais. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf>. Acesso em: 22 mai. 2015.

D'ANGELO, Marta. **Saber fazer filosofia - Pensadores contemporâneos - de Nietzsche a Gadamer**. 1. ed. Aparecida: Idéias & Letras, 2011.

EREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português português-grego**. 8. ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, Josiane Cristina. **O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty**. Estudos de Psicologia, vol. 8, núm. 3, set – dez, 2003, pp. 445-450. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19966.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho - Parte 1. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=sIN9l_5UqU8&list=FLTHdTTCX9aFfY5kpD-oUtLQ>. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho – Parte 2. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=4WITd2yRpa0> >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho – Parte 3. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=f19qJ8Ly6Q0> >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho – Parte 4. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=oT7dXw7z2uU> >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho – Parte 5. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=EjKyngngDLcl> >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho e Riomar R. Segala – Parte 6. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=5A6dcUWyOok> >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

ENTREVISTA IMPREVISTA. Sueli Ramalho e Riomar R. Segala – Parte 7. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=NS_-VYTsfqs >. Acesso em: 23 de Nov. de 2015.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Trad. Fabio dos Santos Creder Lopes. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOURAM, Maria Cecília; LODI, Ana Claudia B; HARRISON, Kathryn M. **História e educação: o Surdo, a Oralidade e o Uso de sinais**. Disponível em: <http://www.salesianolins.br/areaacademica/materiais/posgraduacao/Educacao_Especial_Inclusiva/Topicos_Especiais_Libras/Aula%20Profa,%20Cristina%20Cinta%20Surdez.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

NT JORNALISMO.Sueli Ramalho fala 32 líguas de sinais| identidade geral. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kYG5bijFQyY>> Disponível em 24 Out de 2015.

PROGRAMA DESTAQUE. Radio Metodista com Sueli Ramalho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PQQTTkdRg1s&list=FLTHdTTcX9aFfY5kpD-oUtLQ>>. Acesso em 25 de Nov. de 2015

QUADROS, Ronice Müller e KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REALE, Giovanni. **Corpo, Alma e Saúde**. Trad. Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.

ROSA, Andréa da Silva. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do interprete**. Campinas – SP: Editora Arara Azul, 2005.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes uma viagem ao mundo dos surdos**. Trad. Laura Teixeira Motta. 3 ed. São Paulo: companhia de bolso, 2015.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e linguagem:** Aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.

UEXKÜLL, Thure Von. **Revista Galáxia:** A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll, São Paulo. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1369/852>>. Acesso em 22 mai. 2015.

ANEXO A

ENTREVISTA COM SUELI RAMALHO

Tendo como base da pesquisa a fenomenologia, realizamos a entrevista a partir da observação e algumas perguntas tentando entender como Sueli Ramalho percebe o mundo e o vive a partir da ausência de som. A nossa entrevista partiu de um diálogo e da observação da rede social *Facebook*, no qual Sueli sempre posta seus trabalhos e compartilha um pouco de sua vida, mais profissional do que familiar, porém através de indicações dela podemos ter acesso a entrevistas que serviram como base para a composição deste trabalho. A maioria dos vídeos-entrevista destas pesquisa se encontram no *Youtube*, um ou outro estão localizado em locais diferentes.

Primeiramente buscamos identificar o contexto que em que ela nasceu, seu histórico familiar, no qual possui gerações de membros familiares surdos, estimativamente por volta de trinta membros surdos. Sueli maior parte do seu tempo viveu com seus pais Antonio Segala e Zenilda Ramalho Segala, e com seu irmão Rimar Ramalho Segala, o cenário de sua vida ocorreu entre o Rio de Janeiro, Eng. Paulo de Frontin, onde nasceu, e São Paulo. Ainda quando criança, Sueli, ao brincar com seus vizinhos ouvintes passou a ensiná-los a língua de sinais, para se comunicar com seus amiguinhos e por pensar que eles não conseguiam falar, e a partir daí também aprendeu a desenvolver a fala. Sua vida escolar se passou na escola EEPG Visconde de Itauna, cursou Técnico em Eletrônica, e fez curso de Clown no galpão de folias; é formada em Letras Português-Espanhol na Universidade Unisantanna e Letras-Libras na USP. Além de tentar entendermos um pouco de sua história, fizemos três perguntas que foram respondidas por ela e são completadas juntamente com os vídeos, que foram indicados por ela. As perguntas foram às seguintes:

1. Como foi a sua vida escolar e acadêmica, quais foram as dificuldade que você encontrou no seu processo de aprendizagem?

Suas dificuldades na vida escolar e acadêmica foram: *tudo relacionado à fonologia, foi a parte mais difícil que enfrentei e também a coesão textual.*

2. Quais são as dificuldades que você percebe que os surdos enfrentam em um ambiente, no qual a maioria das pessoas são ouvintes?

A maior dificuldade enfrentada pelos surdos em um ambiente majoritariamente ouvinte é: *estar em um mundo totalmente de relação de poder.*

3. Você se considera deficiente? Qual sua opinião em relação ao termo “deficiente auditivo”?

Sua resposta foi: *minha limitação é a audição perfeita só isso.*

ANEXO B

TEXTO DE SUELI RAMALHO - O QUE É O SOM¹⁰

Vocês já pararam para pensar que os surdos, às vezes, se pegam pensando e perguntando que talvez nunca irão ter respostas, eu mesma nunca tive a resposta.

A pergunta que fazemos são:

Como é o som?

O que é ouvir?

Faz cosquinhas nos ouvidos?

Como será que são as vozes, de homem e de mulher?

Deve ser fenômeno?

Diferente?

Qual é a sensação de ouvir?

Como entra na orelha?

Gente, eu me pergunto sempre, e neste momento estou com estas perguntas... e fico pensando...é estranho, a curiosidade e não há dinheiro no mundo que possa me fazer conseguir ter isso... aparelhos...nunca aproxima o ouvido humano, nem o tal implante coclear, nem...sei lá.

Fico imaginando que deve fazer cosquinhas... cabelinhos dentro da orelhas...cores dentro da orelha...sensação diferente além de que conheço, que sensação é?

Será que a tradução da música pelas mãos tem o mesmo efeito de ouvir, e que tal fazer somente sinais as músicas sem o som da música para acompanhar... e me digam se é o mesmo... é uma curiosidade que me persegue.

Música....você é muito estranha para mim, não faz parte do meu mundo...não sei quem é você... Às vezes, você provoca sentimentos as pessoas, elas choram, gritam, dão risadas, se abraçam, porque? Quem é você? Para provocar tanto alvoroço, pessoas ficam enlouquecidas quando te ouvem... ficam alucinadas, quem é você? Que notas são essas?

¹⁰ Texto produzido no dia 30 de agosto de 2015, retirado do *facebook* da Sueli Ramalho. Link para acesso: <https://www.facebook.com/sueli.ramalho.5/posts/900978979957814>

Instrumentos musicais a ferramenta da música também não tem valor para mim... Eu passo vejo os instrumentos em algumas lojas e vejo que é tão sem graça, e ao mesmo tempo, bonito pela aparência...mas representa um perigo para mim... Pois estes instrumentos me fazem pensar que jamais posso saber o valor dele... Ele sim me provoca um sentimento de impotência, perguntas sem respostas, me deixando somente na ilusão... imaginação...

É horrível este sentimento de poder ver , saber que ele provoca certos sentimentos as pessoas privilegiadas e que não posso jamais saber a essência...

Será que devo passar a eternidade sem poder conhecer?

Decidi que ouvir um som abafado pelo sussurro, e entender que algumas coisas são inexplicáveis, e permanecerão para sempre...imutáveis, meus ouvidos rendeu-se ao silencio... olhei-me atentamente para ver quem sou...e decidi e ver como realmente sou...os meus ouvidos me guiaram ao conhecimento...as minhas mãos...os meus olhos...significa reconhecer que não sou perfeita...que não preciso de todas as respostas...percebi ...que a minha deficiência, me fazem ter desejos ocultos, fraquezas que não podem ser confessadas...rasguei-me por dentro... significa me tornar mais fria...ou mais quente... chegar ao extremo em busca da perfeição... que alto preço a se pagar...entretanto, não abro mão para a perfeição, sofrerei , terei decepções...mas serei mais tolerante, mas minha busca será eterna.